

Fios literários na teia da História: paternalismo, escravidão e pós-abolição num romance de Anna Ribeiro

Marcelo Souza Oliveira*

Resumo: O presente texto analisa o romance *Letícia* (1908), de autoria de Anna Ribeiro de Araújo Góes Bittencourt (1843-1930), na perspectiva da Nova História Cultural. Os tipos sociais inscritos em seus personagens e os ambientes descritos de forma detalhada revelam as representações, os medos, os valores e os anseios da elite do Recôncavo baiano nos fins do século XIX. É feito um cruzamento da literatura produzida pela autora, com as fontes e as referências bibliográficas pertinentes ao período, além da menção a algumas leituras às quais Anna Ribeiro teve acesso. Um cruzamento entre *Letícia* e *A Cabana do Pai Tomás* (1852) revela que Anna Ribeiro rediscutiu as questões relativas à escravidão, a abolição e ao pós-abolição presente na prosa de Harriet B. Stowe, além de inscrever alguns modelos do imaginário senhorial, sob uma ótica paternalista, sem contudo, deixar de representar as contradições dessa ideologia.

Palavras-chave: História; literatura; Século XIX.

Abstract: The present text analyzes the romance *Letícia* (1908), published by the writer of Bahia Anna Ribeiro of Araújo Góes Bittencourt (1843-1930), in the perspective of the New Cultural History. The social types enrolled in their characters and the described atmospheres in a detailed way, they reveal the representations, the fears, the values and the longings of the elite of the Bay area from Bahia in the ends of the century XIX. It is made a crossing of the literature produced by the author with the sources and the pertinent bibliographical references to the period, besides the mention the some readings which Anna Ribeiro had access. A crossed reading between *Letícia* and *The Father Tomás' Hut* (1852) she reveals that Anna Ribeiro rediscussed the relative subjects to the slavery, the abolition and to the present powder-abolition in the prose of Harriet B. Stowe, besides enrolling some present models in the imaginary elegant under a paternalist optics, without however, to leave of representing the contradictions of that ideology.

Key words: History; literature; Century XIX.

Olha, Letícia, quem vem ali! Assim dizia o senhor Travassos a sua gentil filha.

Debruçada no parapeito do terraço parecia ela contemplar as flores do jardim que se ostentava bem cultivado e florido, em frente à bela casa campestre de seu pai. Mas no olhar ensombrado da moça via-se que seu pensamento vagava bem longe¹

* Graduado em História (2005) e Mestrando em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia – Campus I – Salvador-Ba. Membro do Grupo de Pesquisa vinculado ao CNPq *Literatura, memória e História*. E-mail: historiadormarcelo@bol.com.br. Professor da Escola Agrotécnica Federal de Catu. CEP: 48110-000.

No longínquo ano de 1887, a jovem Letícia, filha de um “abastado” senhor de engenho do Recôncavo baiano, se apaixona por um advogado abolicionista do Rio de Janeiro, o jovem Eurico Mendes. Letícia é uma menina dócil, de fino trato, que sofreu a desventura de ficar órfã de mãe ainda na sua adolescência. Educada como uma dama, mesmo sem a presença materna, a jovem dominava inúmeras “prendas” que destacariam qualquer moça de seu tempo: lia e falava francês, tocava piano, bordava e cosia belos vestidos...

No entanto, segundo a narradora, a menina tinha o espírito muito “exaltado”, pela leitura de “certos” romances, e nesse ponto, afirma ainda narradora, o pai tinha falhado em sua educação: não lhe regulava as leituras. Romances com certas heroínas “atiradas” teriam levado Letícia a se apaixonar por Eurico, um jovem muito bem apanhado, mas, que era filho de um homem “desmoralizado”, que abandonou a mulher e os filhos à própria sorte, para viver suas “paixões infames”. “Este moço é o vivo retrato do pai”, dizia o senhor Travassos, pai de Letícia, o que o fazia desaprovar o consórcio entre os jovens enamorados. Toda a trama se passa num momento decisivo para a elite baiana, fundada no escravismo e na cultura canavieira para exportação: o fim do processo abolicionista.

A história da jovem Letícia busca expor aos leitores e, principalmente para as leitoras, modelos possíveis de comportamento que, na opinião da autora, deveriam ser seguidos pelos homens e principalmente pelas mulheres da elite baiana, que vivia, assim como ela, “os tempos difíceis” que transcorreram na segunda metade do Oitocentos, período que foi agravado pela abolição dos escravos. A narrativa deixa transpirar também, os sentimentos, valores e preceitos de um grupo social que, por séculos se hegemonizou no topo de uma sociedade fundada na cana-de-açúcar, na escravidão e no patriarcalismo. Assim essa história fictícia é marcada pelo processo que sucumbiu com a escravidão no Brasil, e que na Bahia teve repercussões na já crítica situação dos senhores de engenho.

O presente estudo propõe uma análise de alguns dos personagens dessa história na perspectiva da Nova História Cultural. Aqui, eles serão tomados como metáforas e representações de uma época vivida pela autora-narradora e recordada por ela vinte anos depois. Propõe-se também uma leitura cruzada entre *Letícia* e *A Cabana do Pai Tomás* (1852) considerando que nele Anna Ribeiro rediscutiu as questões relativas à escravidão, a abolição e ao pós-abolição presente na prosa de Harriet B. Stowe. Como representante de elite em declínio Anna Ribeiro não deixou de inscrever alguns modelos presentes no imaginário senhorial sob uma ótica paternalista, não deixando, porém de representar as contradições dessa ideologia.

Segundo Gilberto Freire², a segunda metade dos oitocentos é marcada pela decadência do patriarcado rural³ que se consolidara nas casas grandes e fazendas. A crise econômica das atividades agro-exportadoras, sobretudo a canaveira, levou vários membros da elite a cursarem um curso superior nas capitais, a exemplo dos cursos de medicina, engenharia, farmácia e direito. As idas a capital se tornaram cada vez mais freqüentes estabelecendo contatos crescentes com os ambientes urbanos. As transformações políticas e sociais desse período foram marcadas por acontecimentos como a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República. Tal processo foi acompanhado pelo desejo das elites a aderirem ao projeto de “civilidade” européia para a fomentação do projeto de nação brasileira.

Nesse mesmo período a Bahia passou por um processo social e político que permeou uma mudança de comportamento na elite feminina sendo que a literatura para moças teve um papel preponderante nessa questão. Para Adriana Reis⁴, o anseio da elite pela “civilidade” influenciou a mudança de comportamento da elite feminina que precisaria de uma educação que as levasse a ter “boas maneiras”. O “belo sexo” necessitaria de habilidades para o convívio social. As novas formas de socialização e a circulação de novas idéias geraram uma demanda crescente pela produção escrita voltada para o gênero feminino, ampliando os espaços para o mercado literário, editores e escritores passavam a produzir jornais, revistas, periódicos e romances voltados para o público feminino. A expressão de um modelo feminino que se enquadrasse a realidade social vigente era uma constante nessas produções e esses paradigmas eram registrados nos textos escritos fossem eles “ficção” ou não. Dessa forma, começaram a se multiplicar os manuais de comportamento, as revistas femininas e as publicações de folhetins com tons moralizantes e “civilizadores”. Nesse contexto viveu a escritora Anna Ribeiro de Araújo Góes Bittencourt (1843-1930).

Nascida em Itapicuru, D. Anna viveu desde os sete anos nos arredores da cidade de Catu no recôncavo baiano. A sua realidade foi bem típica de uma sociedade patriarcal e agrária: escravos, engenhos, barões (era sobrinha e prima de três dos mais poderosos e abastados da região)⁵. Esposa do médico e senhor de engenho Sócrates Bittencourt, primeiro Intendente de Santana do Catu, dedicada esposa empenhou-se em cuidar de seus três filhos, de seu pai e dos serviços domésticos juntos aos dos escravos. Anna Ribeiro pode ser considerada uma típica representante da elite feminina do recôncavo baiano no século XIX. Escritora detalhista se dedicava a produzir textos para as jovens “sinhazinhas” de seu tempo.

Anna Ribeiro escreveu aproximadamente dezessete artigos para vários periódicos da época destacando-se o *Almanaque de Lembranças Luso-brasileiro* e a *Paladina do Lar*. A sua

obra é vasta e diversificada e pode ser classificada da seguinte forma: romances sagrados - *A Filha de Jephté* (1882) e *Abigail* (1921) – e romances profanos – *O anjo do perdão* (1885), *Helena* (1901), *Lúcia* (1903), *Letícia* (1908) e *Suzana* (Inédito). Anna Ribeiro também produziu um livro de memórias intitulado *Longos Serões do Campo* (1992). Além de quatro manuscritos na área da crítica literária. Recentemente, foram localizadas mais algumas publicações da autora: *Lúcia, Violeta e Angélica e Marieta*, o primeiro foi um romance publicado no jornal *A Bahia* (1903), e os dois últimos são contos publicados no *Jornal de Notícias* (1906 e 1908). Para Nancy Fontes⁶, os romances de Anna Ribeiro têm um valor pedagógico nos quais as histórias têm a função de mostrar as jovens a necessidade de conservar os “valores e os bons costumes” através de lições de moral explicitamente evocadas em seus escritos. As personagens de Anna Ribeiro têm quase sempre como protagonistas moças, que vivem entre as calúnias contra sua honra, o fracasso econômico familiar e a defesa dos valores morais. Numa via dupla, Anna Ribeiro não tinha apenas em mente a orientação das jovens leitoras, mas tinha também em vista inscrever as experiências e a história da Bahia no período:

Creio, porém, que o brilhantismo do estilo, o colorido das descrições não serão jamais o essencial em uma obra literária. O essencial será o conjunto dos bons princípios, das idéias sãs, o caráter dos personagens que, embora imaginários, devem ser verdadeira imagem dos caracteres que apresenta a humanidade em suas múltiplas variedades. Apresentar tipos inverossímeis ou então um infeliz desequilibrado, ornado das jóias estilísticas como uma coisa comum e usual, é inconveniente e até perigoso. Diz Deprês: “O romance não é mais uma fantasia de imaginação das damas, porém sim uma obra séria, cujos detalhes são documentados, e na qual os investigadores do século próximo irão encontrar escrita, dia a dia, a história do nosso século.”⁷

Não obstante a intenção de um registro de viés positivista da história, o que D. Anna traz de melhor em sua literatura são os “tipos verossímeis” que ela intentava descrever em sua prosa. No trecho acima a autora tece uma crítica a um romance a uma de suas conterrâneas e a acusa de produzir tipos “inverossímeis” em seus personagens, o que segundo ela não condiziam com aquilo que deveria ser “documentado” para a posteridade. Essa documentação traz na verdade as concepções da elite sobre o processo histórico dos fins do século XIX, que, aliás, foi também vivido pela autora.

Em certo sentido de fato, em sua ficção, são “documentadas” as transformações ocorridas na sociedade, como o processo de abolição da escravatura e a decadência da elite agrária fundada na cana e nos produtos tropicais. Sob esse prisma Anna Ribeiro “foi uma

mulher síntese de uma época de profundas transformações para a aristocracia rural baiana e de profundas mudanças do papel da mulher na sociedade”⁸.

O caráter regionalista adotado pela autora merece registro pelo tom realista de seus enredos no que tange a descrição do ambientes, contextos, personagens da terra em que vivia, a descrição da realidade “tal qual ela se apresentava” é um pressuposto da literatura de Anna Ribeiro. Para D. Anna, o romance deveria oferecer uma leitura a qual seus apreciadores deveriam se identificar. Ele deveria ter também funções bem definidas, deveria focalizar a vida como ela era ou pelo menos como os autores a representavam. Deveria também mostrar a realidade e os problemas que esse apresentava, e deveria conter noções e posturas para superar as dificuldades que a classe senhorial enfrentava na Bahia dos fins do século XIX. Uma análise da produção dessa autora oferece uma fácil identificação de como ela se utilizava do realismo, no que tange a representação da realidade. Isso fica claro na composição do ambiente, pois suas histórias sempre se passam no Recôncavo Baiano.

Ao ficcionalizar o período histórico mencionado, Anna Ribeiro inscreve as posições de sua família e da elite a que tinha acesso e o modo como essas entenderam e lidaram com a abolição. Prova disso é que uma análise de suas memórias e de textos deixados por parentes nos leva as mesmas conclusões que o romance impõe só que essas fontes referem-se ao “mundo real” e não a “ficção”. É perceptível, por exemplo, que a autora trouxe para a ficção a morte do seu marido em 1907, por exemplo, a dissolução final do engenho Api, que havia parado de fabricar açúcar há muitos anos, mas que ainda comportavam os seus senhores, mesmo em dificuldades. Por falar na morte de Sócrates, é válido lembrar que logo após o acontecido a autora teve que se mudar para a Cidade da Bahia, assim como aconteceu à protagonista de *Letícia*, quando da morte de seu pai. Outra questão importante é que o romance foi publicado em um ano após a morte do seu marido, e transcreve de forma catalítica a morte do marido relacionada ao fim da família patriarcal.

Anna Ribeiro contextualiza seus romances no tempo e no espaço, documentando conscientemente – ou inconscientemente – os acontecimentos de sua época, inscrevendo em suas narrativas as percepções que tinha desses eventos. No entanto, não é essa a maior contribuição que a sua literatura pode legar para os estudos de história. No entanto a maior contribuição dos seus textos literários não está na sua credibilidade como “documento” no sentido positivista. Como afirma Chalhoub “a literatura busca a realidade, interpreta e enuncia verdades sobre a sociedade, sem que para isso deva ser a transparência ou o espelho da ‘matéria’ social que representa e sobre a qual interfere”⁹. A interpretação dos textos literários

segue a busca por sentidos mais complexos, devem-se observar os discursos que regem a lógica da narrativa e as práticas que movem as representações do real. Sendo assim, faz-se necessário entender como se articulava a ideologia paternalista do ponto de vista da autora e como as situações eram percebidas do ponto de vista dos senhores, para entender como a classe senhorial, da qual ela fazia parte, percebeu a vida nos pós-abolição. Trata-se de uma leitura senhorial sobre “os infortúnios” que ela mesma atravessara no final do século XIX.

O romance *Letícia* descrito no início do texto se passa diante de dois acontecimentos que marcaram mudanças na sociedade baiana e brasileira no final do século XIX: a abolição da escravatura e a proclamação da República. Com o intuito de contextualizar a história a autora assim se refere a esses períodos:

*Os estadistas que levaram a princesa a dar este golpe nem ao menos cogitaram da época em que seria menos conveniente.*¹⁰

*Grande Revolução se operara em nosso país: caíra o Império e fundara-se a República.*¹¹

Ao se referir a abolição como “golpe” e ao advento da República como “grande revolução” a autora dá uma idéia precisa do impacto que esses fatos causaram naquela sociedade. No decorrer do romance a transição do ambiente do engenho para a cidade após morte do Sr. Travassos, pai da protagonista da trama, reforça essa impressão. O Sr. Travassos que inicialmente é caracterizado como “abastado senhor de engenho” se vê as voltas com a “pirraça” e “rebeldia” dos escravos que ele tratara “tão bem” durante o período do cativo. O Sr. Travassos acaba adoecendo diante da “terrível labuta” com “criados”. A narradora descreve o já enfermo Sr. Travassos sentado “em uma poltrona, imóvel, com o olhar fixo e profundamente triste, inculcava refletir no infeliz estado em que se achava”¹². A neta de Anna Ribeiro, Anna Cabral, que conviveu diariamente com a autora, pois morou com ela toda a sua infância, afirma que segundo sua avó, o engenho da família viveu momentos difíceis após o 13 de maio:

*Meus avôs possuíam cerca de 100 escravos, eles arruinados, pode-se dizer, com o decreto de 13 de maio, mostravam-se inteiramente serenos e justificavam a Princesa – pelas injustiças que haviam presenciado. Minha avó contava que o 13 de maio fora um dia de festa no Engenho. Danças, flores, todos manifestando gratidão aos senhores que compartilhavam da alegria dos escravos. Depois, vieram as ingratidões, abandono do trabalho, a paralisação do Engenho, mas ela e meu avô não desanimaram.*¹³

Assim como no engenho do fictício personagem Travassos, no Engenho Api, pertencente a família de Anna Ribeiro, houveram “balburdias”, após a festa pela liberdade trazida “pela Princesa”, como ela dizia. Ana Cabral, assim como a narradora de Letícia descreve o Engenho Api antes da Abolição, como um lugar bonito e próspero, mas depois veio a “paralisação”, que fez com que seus avôs desanimassem.

A grande transformação do vigoroso senhor de engenho caracterizado no início da história de *Letícia*, em um decadente homem após a abolição tipifica as mudanças ocorridas no seio da família patriarcal. O ambiente do engenho no início da trama, descrito com tanto afínco como um lugar bem cuidado cheio de flores e alegria depois é definido com nostalgia pela narradora:

*Nas extensas cercas já algumas estacas deixando o prumo, se inclinam para o lado. A grande de engenho em outro tempo animada e alegre pelo movimento de trabalho, era silenciosa e triste como o condenado que, sem estar enfermo, sente que seus dias estão contados.*¹⁴

A nostalgia e o saudosismo expressados descrevem o sentimento de que a estrutura rural e senhorial estava se esvaindo, na visão da autora. A morte do Sr. Travassos põe fim a agonia e provoca mudanças, num ambiente senhorial, a falta do senhor faz com que sua estrutura desmorone provocando a dispersão de seus dependentes. Sendo assim só resta a Letícia mudar-se do engenho levando consigo, além de alguns agregados, também D. Henriqueta a solteirona tia que ficara sob a guarda do Sr. Travassos por não ter casado em restringia sua vida em torno da família de sua irmã (mãe de Letícia já morta). Essa personagem merece um estudo aprofundado por indicar a posição da mulher celibatária dentro da sociedade patriarcal.¹⁵ O medo de não ficar “para titia” levou Letícia a cometer o “mau passo” de casar com um homem de “reputação duvidosa” mesmo contra a vontade do pai, por isso ela sofreu piamente pelo seu “pecado”. A própria autora se casou já muito tarde depois de ter perdido primeiro pretendente (seu tio Pedro Ribeiro) com o médico Sócrates Bittencourt um parente distante.

A ideologia senhorial e patriarcal não se resume tão somente a estrutura socioeconômica da sociedade. Ela vai mais além configurando a própria forma de pensar e agir das pessoas e legitimando práticas que submetem alguns grupos em detrimento de outros. A investigação desses discursos incorre na avaliação de como o agente histórico se apropriou desses valores e regras e, não apenas isso, investigar como as pessoas viviam, mas

como elas pensavam – como interpretavam o mundo conferiam significado e lhe infundiam emoção.¹⁶

Letícia vive o dilema de cair nos braços do seu amor, o abolicionista Eurico ou atender a vontade do pai e nunca mais vê-lo. Um olhar metafórico sobre as relações e instituições contidas nesses personagens pode nos trazer algumas questões interessantes.

Os jovens conheceram-se em meio a uma festa no Rio de Janeiro e logo trocaram bilhetes e juras de amor. A possibilidade de casar-se com um rapaz da cidade deixou Letícia muito feliz, pois, a moça já estava “na hora” de casar, segundo os costumes da época. A possibilidade de se tornar uma solteirona apavorava a moça, e isso era um forte motivo para se entregar a tão rápida paixão. Contudo, a vivacidade do Senhor Travassos o fez perceber que os jovens – Letícia e Eurico –, estavam se entreolhando. Atento, Travassos assuntou aqui e ali sobre a vida e a família de Eurico, e o resultado não foi nada positivo para o casal: “O que sei desse homem, os tristes precedentes de seu pai, e, *sobretudo uma voz íntima*, me fazem crer que serás muito desgraçada sendo sua esposa. Trata, pois de esquecê-lo”¹⁷ Afirmou o senhor Travassos à adorada filha. A menina prontamente se desesperou, o que fez seu pai retrucar, dizendo a filha que ela não poderia com os princípios de moral e de virtudes com que fora criada, sucumbir à “primeira luta”. Letícia resignadamente reafirmou ao seu pai: “As lições e exemplos que recebi não foram em improfícuos: não casarei sem a sua aprovação embora a isso me custe a vida. Pode, portanto ficar tranqüilo”. Arrumaram prontamente as malas e voltaram, sem mais delongas, para a Bahia.

A animosidade do Sr. Travassos em relação a Eurico foi instantânea. Eles representavam mundos diferentes. Daí o pressentimento do pai de Letícia em relação ao fardo que a sua rebenta possivelmente passaria nas mãos do seu futuro consorte. Na verdade a tal “herança funesta” Eurico poderia ter herdado do pai, não eram as únicas causas da intolerância do Sr. Travassos em relação a Eurico. O jovem médico era um homem eminentemente urbano; mais que isso era abolicionista. Um abolicionista radical que defendia os direitos dos cativos e criticava a postura dos senhores, mesmo daqueles que eram mais brandos com os seus escravos. O Sr. Travassos, em contrapartida, era um senhor de engenho rígido, que dependia inteiramente da mão-de-obra escrava para sustentar seus domínios e manter a estrutura hierárquico-familiar, típicos de uma família patriarcal vigentes no Brasil desde a colonização portuguesa. Ele representava a descendência da mais tradicional elite ibero-brasileira. Todas as suas riquezas advinham do trabalho escravo no engenho de cana-de-açúcar. E ele mantinha uma lógica paternalista que servia a ideologia senhorial, através de

estratégias de “harmonização” das suas relações com os subalternos. Eles eram de mundos opostos. Através das estratégias de estigmatização e do arcaísmo de eufemismos utilizados por Anna Ribeiro, se pode conhecer o perfil das tipologias dos dois personagens e o que nos ajudará a entendermos melhor como funcionava esses mundos representados pela autora na trama.

O Sr. Travassos é apresentado como um ancião bondoso e preocupado com todas as pessoas que estão sob o seu poder. Bom pai nutria por Letícia “uma espécie de adoração”. Letícia era de fato sua alegria – o nome Letícia significa “felicidade”. A autora define textualmente o tipo desse senhor de engenho:

O pai de Letícia, proprietário de engenho, não era desses lavradores sem cultura intelectual, inteiramente voltado ao trabalho material embrutecedor. Tinha livros, recebia jornais e revistas, e entretinha boas relações na capital da província onde ia passar os meses do inverno com sua idolatrada filha. Não podia ser, portanto, um brutal tirano [...] ¹⁸

Era um homem “esclarecido” que lia e era bem informado sobre o que acontecia na capital. A “difícil lida” no trabalho não o tinha deixado “bruto”, pois ele tinha adquirido um grau de ilustração que o distanciava da maior parte dos senhores daquela região. O convívio com “civilização”, e a leituras que fazia, nos afirma a narradora, fazia com que ele não fosse tão intransigente quanto era de se esperar de um rústico lavrador, por exemplo. Entretanto outro perfil desse senhor de engenho nos é passado por Ismênia, numa de suas cartas para Letícia que tinham como Eurico como motivo central. O Sr. Travassos “cuja severidade era bem conhecida”, dizia Ismênia, ao falar da possibilidade do velho homem pegar algumas das cartas com informações sobre Eurico ¹⁹.

Como senhor de Engenho, os qualificativos do Sr. Travassos era ainda mais interessantes. O tratamento dele junto aos seus escravos, segundo a narradora, seguia o modelo passado por um compêndio literário bastante respeitado pelos “bons senhores de escravos” do século XIX. Isso fica claro num trecho em que o “bom senhor” reclama da postura dos seus ex-escravos:

- [...] Sempre ouvir dizer que a escravidão traz vileza, mas eu muitas vezes respondia a essa máxima que julgava sediça (sic) com a frase da autora da Cabana do Pai Tomás. Tratem-nos como cães e eles vos tratarão como cães e eles procederão como cães: tratem-nos como homens e eles procederão como homens ²⁰

O senhor Travassos detinha uma política de dominação bem demarcada em relação aos seus escravos. Essa política consistia na “humanização” dos cativos, através de um

tratamento “diferenciado” em relação a eles. O discurso que sempre ouvia, não era o discurso que praticava. A escravidão traz “vileza”, afirma o Sr. Travassos. Esse termo faz referência as dificuldades de lidar com os “vícios” e a “preguiça” dos escravos. Segundo ele “ouvia falar”, era uma desonra lidar com as “rebeldes” e “vis” criaturas, era como lidar com animais que não soubessem quando e como fazer as coisas certas, daí a dificuldade e a conseqüente violência exercida pelos senhores de engenho mais “rudes”. Não era essa a política utilizada pelo senhor Travassos com os seus escravos, ele partia do principio de “humanização” dos negros, através da educação passada pelos “bons senhores”.

A estratégia de “humanização” fazia com que os cativos mesmos sentissem como se seus senhores fossem tão “bondosos” que o elevassem a categoria de “humanos” – menos que os senhores, mas mesmo assim humanos. Para entendermos melhor como é que essa ideologia funcionava o próprio senhor Travassos dá uma pista que não se deve desconsiderar: ele respondia “a máxima que julgava sedição com a frase da autora de *A Cabana do Pai Tomás*”. Os discursos presente romance de Mrs. Beecher Stowe (1811-1896)²¹ se constitui uma base de orientação para o Sr. Travassos no tratamento com os “coitados” e “miseráveis” escravos. Mas, esse compêndio literário não era apenas o manual do Sr. Travassos, era também de Anna Ribeiro.

Em seu livro de memórias, a autora ao relatar a partilha dos escravos ora pertencentes ao avô e tia, já falecidos, provocou a separação dos cativos entre os herdeiros. A família respeitou os laços familiares dos escravos, o que consistia num dos preceitos fundamentais de humanização dos subalternos, um a vez que se eles eram humanos e tinham sentimentos não poderiam ser separados como animais. A memorialista descreve que todos os escravos correram aos pés de sua mãe, “porque ela os tinha em alta estima e os tratava quase como filhos”. Os cativos tinham medo de ir parar nas mãos de um dos tios de Anna Ribeiro, muito conhecido pela violência com que agia contra os escravos. A mãe de Anna Ribeiro recorreu ao pai do “rude” senhor, para que interviesse sempre que ele “passasse dos limites”. Aos escravos que pela partilha couberam a este, dona Anna da Anunciação deu vários conselhos:

Minha mãe insistiu com Antonio Florêncio, pai de Manuel Paulino, um ancião bom e respeitável para que ele vale-se da autoridade de pai para interceder pelos escravos. Aos escravos ela aconselhou que, se algum problema houvesse, fossem procurar o sábio ancião. Insistiu, ainda, que não deixassem de rezar e deus, aos que não tinham, imagens e registros de Nossa Senhora e de santos, dizendo-lhes que os tomassem por seus patronos. Deu-lhes também úteis conselhos, que os guiaram pelo caminho do dever, repetindo, talvez sem muita convicção, o dito usual: Não há mal

*senhor para o escravo bom. Acenou-lhes – e isto convictamente – com eterna recompensa que aguarda, na outra existência, os que sofrem com paciência os trabalhos desta vida, prometida por Cristo nestas palavras: Bem aventurados os que choram, porque serão consolados.*²²

Prosseguindo as recordações sobre a partilha dos escravos de seus parentes, a memorialista, descreve como eram tratados os escravos, dentro do engenho onde ela foi criada:

Recordo hoje com íntima satisfação o procedimento de minha mãe com os escravos. Creio não ser atribuível somente ao bom coração e a ter sido criada em uma casa onde eram os escravos tratados com humanidade. [...] Em minha mãe, a virtude da caridade mais se manifestava tratando-se os pobres escravos, porque seu ânimo generoso sempre tomava parte do fraco contra o forte, o opressor. Naquele tempo em que os escravos eram considerados como seres muito inferiores ao senhor, acarretou-lhe isto algumas críticas de espíritos atrasados (...). Tendo ocasião não temia afrontar a opinião contrária, dizendo que o escravo era semelhante e como tal devíamos tratá-lo.

Era lamentável, então, ver como até pessoas de boa índole eram duras para com esses infelizes, pelo conceito errôneo de que as fazia encarar como seres muito diferente de nós. Usavam das frases mais ferinas para rebaixá-los, e, à força de humilhações e maus-tratos, chegavam eles às vezes a tal aviltamento, que se diria, não pertencerem, na verdade, à espécie humana. Entretanto, nas casas onde eram tratados com humanidade, encontravam-se belos espécimes nessa raça desprezada.

*Repetia sempre minha mãe a frase de Mistress Stowe em A Cabana do Pai Tomás: "Tratem-nos como homens, e eles procederão como homens; tratem-nos cães e eles procederão como cães". Isto citava ela procurando convencer os outros, porque antes de conhecer os livros de Mistress Stowe, já professava idéias idênticas às da benemérita autora norte-americana.*²³

A *Cabana do Pai Tomás* (1852) foi um dos romances mais lidos e comentados durante mais de um século não só no seu país de origem (EUA), como em vários países do continente americano, inclusive no Brasil. A narrativa retrata e denuncia a escravidão, sob o viés da elite, mostrando Pai Tomás, um velho e bondoso escravo que é obrigado a deixar a cabana e a família, cedido para um mercador de escravos para o pagamento de dívidas do seu senhor, o Sr. Shelby, e revendido duas vezes. Mrs. Stowe narra as desventuras, os maus-tratos bem como a fé em Deus do Pai Tomás, ante a um mundo escravista. O diferencial do enredo se centra na execração do abolicionismo pelos protagonistas da história, e estabelece um contraponto com a subserviência do Pai Tomás ante a bondade de dois dos seus amos: Sr. Shelby e Saint Claire²⁴.

O livro de Stowe mostra uma visão senhorial de como deveria ser a abolição e nesse sentido as narrativas de Anna Ribeiro se aproximam muito dos ideais por ela difundidos. O

próprio Senhor Travassos era um desses bons senhores que embora “enérgicos” e “rigorosos” eram tidos como ótimos senhores. Alguns de seus escravos afirmavam ter nele “um pai” e que nem que “fossem escorraçados” sairia do pé do “nobre senhor”. “Infelizmente” veio a abolição num momento “inoportuno” e a “história de fidelidade” entre o Sr. Travassos e os seus cativos não suportou mais esse “percalço”...

Ainda falando da *Cabana do Pai Tomás*, vale salientar que tanto nos discursos da família Shelby, quanto no Sr. Saint Claire, existe um ideal de ensinar os escravos a ser “humanos”. Em Anna Ribeiro, essa história teve uma amplitude e repercussão que permeia a sua visão sobre a “nefanda instituição” e sobre um ideal de abolicionismo que não era algo tão novo assim: a liberdade entendida como expressão da vontade dos dominadores. Como resposta à essa expressão de “bondade”, os cativos deveriam prestar-lhe respeito e submissão àqueles que os ensinaria a “como ser livres”. Na literatura de Anna Ribeiro, essa concepção e (re)apropriada dentro de emaranhado de outros discursos advindos da religião, das concepções de ciência e da realidade social que autora vivia e também com a frieza dos fatos: na fazenda do Sr. Travassos, os escravos a grande maioria dos escravos não agiram com tanta resignação quanto Pai Tomás. A lógica paternalista expressa no romance de Mrs. Stowe não se dera em *Letícia*. O ressentimento e o rancor, com a ingratidão dos seus próprios escravos conforme nos mostra uma das descendentes da autora, são externados nas narrativas literárias de Anna Ribeiro: sua ideologia paternalista não contava com a possibilidade que os outros – os subalternos –, não estavam de acordo com a sua vontade e com os seus preceitos. Em outra oportunidade aprofundaremos essa reflexão. Por ora o que nos interessa notar é o comportamento dos “bondosos” senhores ante a “resignação” e “fidelidade” dos seus escravos.

O Tomás de Mrs. Stowe é um homem de extrema nobreza, com uma réstia de servidão, com uma coragem física e uma abnegação suprema, que reconhece a ignomínia da escravatura e que não a aceita de forma alguma, mas que recusa a violência como forma de resistência e que é incapaz de mentir mesmo ao mais vil dos homens - não por medo, mas por respeito a si próprio e aos seus amos. O fato de Tomás, assim como todos os escravos da casa do Sr. Shelby ser tratados como “humanos”, fazia com que eles se comportassem como “humanos”, passivos e agradecidos ante aos senhores. Os escravos do Sr. Travassos, porém, foram rebeldes, pois mesmo sendo tratados “como se fossem filhos”, foram “ingratos” a ponto de abandonarem seu senhor, em plena época de colheita.

A romantização das relações entre senhores e escravos e a condição restrita aos primeiros como patronos da liberdade dos segundos é uma constante na obra de Anna Ribeiro. A bondade dos senhores de engenho presentes em suas histórias e a tentativa da escritora de construir modelos de como tratar os escravos, dá a idéia de que realmente seria uma ingratidão se voltar contra senhores que eram “como pais” por ao deixar faltar todos os “regalos e conforto” àqueles que os serviam.

A lógica presente no romance de Mistress Stowe consistia em colocar os “pobres” escravos na condição de ajudados pelos bons senhores, o que garantiria aos segundos o benefício do agradecimento dos primeiros. Isso na prática serviria como uma forma de dominação ideológica dos senhores em relação as subalternos. A bondade religiosa dos senhores garantiria, na ótica dos dominadores, o agradecimento dos cativos. Também em *Letícia*, as discussões em torno dos escravos tendiam sempre estereotipá-los como “coitados” que necessitavam de assistência para “aprenderem a ser livres”. Esse discurso justificava uma forma paternalista de pensar a escravidão: sem os senhores os destinos dos negros era partir para a “vadiagem” e as “bebedeiras” que lhes era “natural”. As mulheres certamente se dariam aos “desfrutes” se inflamando com os homens “corrompendo-se e deixando-se corromper”. Era necessária uma proteção de “seres superiores” que os “ensinassem” a serem livre assim como o jovem Shelby fez com os escravos em *A Cabana do Pai Tomás*. Assim como Anna da anunciação fazia com os seus escravos: ensinando-os nas “sãs doutrinas” a serem resignados a aceitarem as privações dessa vida em detrimento de graças futuras e vindouras. Lembrando-os sempre que “não existiam escravos maus para senhores bons”.

Os escravos do velho Travassos constantemente afirmavam “não temos nele senhor, senão pai”. A lógica de tratamento dos escravos do “nobre senhor” seguia a mesma lógica de criação dos pais de Anna Ribeiro. Essa lógica, porém, não era privilégio apenas dos personagens de Anna Ribeiro ou dos Araújo Góes do Catu. Joaquim Nabuco, conhecido abolicionista pernambucano, também menciona a importância das leituras do romance de Mistress Stowe:

*Do mesmo modo que com a religião e a natureza, assim com os grandes fatos morais em redor de mim. Estive envolvido na campanha da abolição e durante dez anos procurei extrair de tudo, da história, da ciência, da religião, da vida, um filtro que seduzisse a dinastia; vi os escravos em todas as condições imagináveis; mil vezes li a **Cabana do Pai Tomás**, no original da dor vivida e sangrando; no entanto a escravidão para mim cabe toda em um quadro inesquecido da infância, em uma primeira impressão, que decidiu, estou certo, do emprego ulterior de minha vida. Eu estava uma tarde sentado no patamar da escada exterior da casa, quando*

vejo precipitar-se para mim um jovem negro desconhecido, de cerca de dezoito anos, o qual se abraça aos meus pés suplicando-me, pelo amor de Deus, que o fizesse comprar por minha madrinha, para me servir. Ele vinha das vizinhanças, procurando mudar de senhor, porque o dele, dizia-me, o castigava, e ele tinha fugido com risco de vida... Foi este o traço inesperado que me descobriu a natureza da instituição, com a qual eu vivera até então familiarmente, sem suspeitar a dor que ela ocultava .²⁵

Além de servir como uma política de dominação ideológica, o discurso egresso das linhas de *A Cabana do Pai Tomás*, também compunha um discurso “civilizador”, que consistia no melhor tratamento dos escravos, que era fruto de uma nova forma de pensar o mundo onde a escravidão enquanto instituição não teria mais lugar. Fazia parte de um processo. O jovem Nabuco buscou nas linhas desse romance uma forma de entender as relações vigentes nos engenhos pernambucanos, fortemente marcados pelo escravismo. O jovem escravo, citado por ele fugia de um violento senhor em busca de um senhor mais “generoso”. Nos finais do século XIX, o processo da escravidão produziu nos engenhos brasileiros a aparente cena contraditória dos “senhores de escravos abolicionistas”. Mas, de fato, a pergunta para resposta a essa aparente contradição seria de fato de que abolição eles estariam falando ou almejando? O senhor Travassos não se revoltou contra os escravizados por causa da abolição, e sim por causa da postura deles frente ao seu ex-senhor, uma vez libertos. Ele pensava na permanência de tudo como estava, e que se mantivessem os “braços agradecidos” que sempre trabalharam naquela lavoura, mas a história parece não ter sido bem assim...

Em contraposição ao senhor Travassos Eurico era um abolicionista radical. Vivia de rendas de aluguéis deixados pela família. Eurico era um típico homem da cidade: civilizado e inteligente freqüentava as noites cariocas e tinha gostos bastante refinados, bem diferente da rudeza dos homens do campo. O jovem moço representava o novo: em oposição à religiosidade campestre centrada na moral e nos bons costumes, era dado às bebedeiras, às mulheres e aos vícios. Mesmo assim, era alvo do amor de Letícia e com ele ela iria se casar. A definição da representação de Eurico se evidencia justamente em contraposição ao seu sogro em uma conversa que os dois tiveram logo após casamento, realizado na casa-grande do engenho dos Travassos:

Porque, meu amigo, não experimenta a vida na lavoura? Há talvez a injusta prevenção em seu espírito. Creia-me: a lavoura sempre dá algum resultado àquele que a sabe dirigir: faria também alguma coisa em clinica. Isto reunido, provavelmente seria mais do que lhe rende o emprego.

- Não duvido, tornou-lhe Eurico, que fizesse até mais do que meu emprego: mas todas as vantagens se desmoronam diante da minha natureza. É-me impossível morar no campo. No Rio, por moléstia, tive de passar três meses na fazenda: aborreci-me mortalmente.

[...]

- Está chegando a época da abolição [afirmou o Sr. Travassos] e por isso desejava passar a gerência do engenho ao Senhor que não está habituado a tratar com os escravos, e poderia melhor organizar o trabalho livre.

- Acho que se engana, Sr. Travassos; aqueles que lidaram com os escravos, conhecendo-lhes as aptidões e os vícios, podem, utilizando aqueles e corrigindo estes melhor organizar o novo sistema de trabalho.

*É verdade que meu emprego é pouco rendoso; mas em breve conto obter outro melhor, e a vida em um centro civilizado é outra coisa. Aqui só a passeio, o máximo, quinze dias.*²⁶

Tentando agradar o sogro, Eurico suportou o máximo possível as suas inferências sobre a lavoura, mas quando a conversa se encaminhou para o convite que o sogro fizera de tornar Eurico o novo senhor do engenho dos Travassos, ele não poupou palavras para deixar claro o quanto tinha aversão para aquela vida. A nova tentativa do sogro em sugerir que com o vindouro – e inevitável –, advento da abolição, Eurico como homem “civilizado” poderia organizar o trabalho livre, foi frustrada, pois o rapaz contra-argumentou dizendo que “conhece os vícios dos escravos, poderia melhor organizar o trabalho livre”. Um detalhe importante que poderia passar despercebido nesse diálogo era o fato de sogro e genro terem como certa a abolição, e também o fato de concordarem que em caso da concretização dessa nova lei, o trabalho livre teria que ser organizado. De fato, o contexto da narrativa mostra que o Sr. Travassos não cumpriu essa intenção. Talvez não o esperasse naquele momento, embora soubesse que a tal lei viria um dia.

Em *A Cabana do Pai Tomás*, o filho do Sr. Shelby quem consegue de fato estabelecer a transição da mão-de-obra escrava para a livre. Seu pai morreu sem conseguir realizá-la, muito pelo contrário, foi até obrigado a vender alguns escravos em troca de suas dívidas, num momento em que seus negócios iam mal. Seu filho, representava uma nova geração que conseguiria realizar esse intento de fato. No último dessa trama intitulado “O libertador”, o “nobre senhor” convoca seus escravos para uma reunião onde anuncia que eles estavam livres, pois suas cartas de alforria estavam assinadas. A seguir, George Shelby anuncia que a sua fazenda precisaria de trabalhadores livres e que aqueles que quisessem poderiam continuar ali. G. Shelby completou seu discurso afirmando: “além de libertá-los, eu os ajudarei a se tornarem homens realmente livres”²⁷. Em *Letícia*, o Sr. Travassos fez uma proposta semelhante a Eurico, dizia ele que não poderia sendo já velho fazer a transição da

mão-de-obra escrava para livre, mas que Eurico sendo um jovem idealista “mais civilizado”, poderia realizar esse difícil trabalho com mais êxito. Eurico era um George Shelby às avessas. Mas em se tratando de apropriação de Anna Ribeiro da história de Stowe, ela enquadra Eurico a partir das tendências da realidade brasileira. Enquanto na trama de Mrs.Stowe, George quer continuar no campo, Eurico odeia a idéia de viver dele, ele é um homem urbano e enxerga na cidade as possibilidades de levar uma vida de acordo com os seus anseios. George Shelby era modelo de virtude paternal, Eurico o egoísmo individualista.

De volta ao quarto em conversa com sua esposa, ele externa essa revolta: “Vês tu que idéia de seu pai? E o egoísmo dos velhos?... Se ele soubesse o que me tem custado a passar estes quinze dias! Estou pelos cabelos”²⁸. Eurico não aceitava que seu sogro propusesse ser seu sucessor, além do mais ele jamais se contentaria com a tranqüila vida no campo. Toda aquela lógica paternalista que a moral e os bons costumes deveriam ser resguardados no sagrado leito do matrimônio e que ao homem caberia o papel de ser o senhor e mantenedor dos seus próprios domínios e, mais ainda, não fazia nenhum sentido para ele. Estava firmado mesmo depois de tentativas corteses de entendimento entre sogro e genro, um conflito que de fato só terminaria com a morte do Sr. Travassos, ou em termos metafóricos a morte do mundo senhorial ante ao mundo burguês. O antagonismo entre o Sr. Travassos e Eurico era patente: enquanto o primeiro era o campo, segundo era a cidade. Enquanto o primeiro era o moral, o segundo era o vício. O primeiro representava o antigo, a tradição, o segundo o novo, à descoberta. O primeiro representava o mundo senhorial, o segundo o mundo burguês. Mundos opostos, antagônicos, que não coexistiriam por muito tempo.

NOTAS

¹ Cf. BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Araújo Góes. *Letícia*. Litho-Typ. E Encadernação Reis & Cia. Salvador, 1908, p.1.

² Cf. FREIRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano – 15ª ed. Ver. – São Paulo: Global, 2004.

³ O conceito aqui expresso se remete a estrutura família centrada onde o senhor de engenho reside permanentemente em suas terras, cercado pela mulher, filhos, grupo frequentemente ampliado pela presença não só de parentes, mais ou menos, próximos – pai, mãe, irmãos, primos – como de afilhados e até de filhos bastardos. Além de agregados e escravos; cf. MATTOSO. Kátia M. de Queirós. *Bahia século XIX: Uma Província no império*. 2ª Ed.Nova Fronteira. Rio de Janeiro, p. 188-192.

⁴ Cf. REIS, Adriana Dantas. *Cora: Lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX*. Salvador; Centro de Estudos baianos da UFBA, 2000.

⁵ Os três Barões referidos, Barão de Araújo Góes (1809-1878) - incentivador direto da carreira literária de Anna Ribeiro, foi responsável pelo prefácio do Visconde de Taunay ao primeiro romance de D. Anna intitulado A filha

de Jephthé -, o Barão de Camaçari (1828-1919) e o Barão de São Miguel (1840-1936). Os dois últimos foram grandes senhores em Catu sendo que as regiões onde eles ficavam levam seus nomes até os dias de hoje.

⁶ Cf. FONTES, Nancy Rita Vieira. *A bela esquecida das letras baianas: a obra de Anna Ribeiro*. (Mestrado em Letras/UFBA). Salvador-Ba, 1995.

⁷ Cf. BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Araújo Góes. In: Exaltação. *A Voz da Liga Católica das Senhoras Baianas*. Bahia: Tipografia Beneditina. ano IV, set. n. 6, 1916, p. 91-93.

⁸ Cf. FONTES, *op.cit.*

⁹ Cf. CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis Historiador*. São Paulo: Companhia das letras, 2003, p.92.

¹⁰ Cf. BITTENCOURT, 1908, p. 169.

¹¹ *Idem, ibidem*, p.103.

¹² *Idem, ibidem*, p.72.

¹³ CABRAL, Anna Maria Mariani, Prefácio in: BITTENCOURT. Anna Ribeiro de Araújo Góes. *Contos*. Datil. Salvador, S/D.

¹⁴ *Idem, ibidem*, p.100.

¹⁵ Kátia Mattoso atribui o celibato feminino no decorrer do século XIX a circunscrição da mulher na esfera privada e a endogamia como forma de preservação da riqueza da elite. Esses fatores levaram muitas mulheres a não encontrar maridos e tornarem-se celibatárias. Um estudo da família a qual pertencia D. Anna mostrou que no século XIX 42% das mulheres da família Araújo Góes não se casaram. O fim dessas mulheres era ou fazer os votos como freira (a tia de D. Anna foi obrigada a ser freira, fato romanceado em *O Anjo do Perdão*), ou se ficava sobre a guarda de um dos homens da família que herdava também seus bens; cf. MATTOSO, *op.cit.*, p. 188-192.

¹⁶ DARTON, Robert. O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa. Rio de Janeiro, Graal, 1986. p. 330.

¹⁷ Cf. BITTENCOURT, 1908, p. 26, grifo meu.

¹⁸ *Idem, ibidem*, p. 33.

¹⁹ *Idem, ibidem*, p.31.

²⁰ *Idem, ibidem*, p.68.

²¹ Nascida numa família fervorosamente religiosa originária de Litchfield, EUA, filha do mais famoso pregador evangelista da sua geração, Lyman Beecher, e casada com um professor de teologia, Calvin Stowe, Harriet viveu toda a vida num ambiente de extrema devoção e firmes convicções antiescravagistas, alicerçadas numa veemente fé cristã na igualdade de todos os homens. Antes de "A Cabana do Pai Tomás" a sua reputação como escritora era inexistente e a sua carreira nesse domínio resumia-se a alguns textos morais e bucólicas descrições campestres. Harriet também lecionou no mesmo colégio em que estudou, morando em Ohio, onde idealizou seus principais livros, entre os quais *A Cabana do Pai Tomás*.

²² cf. BITTENCOURT, 1992, p. 31, grifo meu.

²³ *Idem, ibidem*, p.31-32.

²⁴ Cf. STOWE, Harriet. B., *A cabana do Pai Tomaz*. 2ª ed. São Paulo: Editouro, 2001.

²⁵ Cf. NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Coleção Obras imortais da literatura, Vol. 42. Editora Três. Rio de Janeiro: 1974, p.170-171.

²⁶ Cf. BITTENCOURT, 1908, p. 46-47.

²⁷ Cf. STOWE, *op.cit.*, p.173.

²⁷ Cf. BITTENCOURT, 1908, p. 50.

Referências Bibliográficas

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. (org.) *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Araújo Góes. *Longos Serões do Campo: O Major Pedro Ribeiro*. Organização e notas Maria Clara Mariani, - Rio Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

_____. *Letícia*. Litho-Typ. E Encadernação Reis & Cia. Salvador, 1908.

_____. In: Exaltação. *A Voz da Liga Católica das Senhoras Baianas*. Bahia: Tipografia Beneditina. ano IV, set. n. 6 p. 91-93.1916.

CABRAL, Anna Maria Mariani, Prefácio in: BITTENCOURT. Anna Ribeiro de Araújo Góes. *Contos*. Datil. Salvador, S/D.

CHALHOUB, S. e PEREIRA, L. (org.). *História Contada*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis Historiador*. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

-
- DARNTON, Robert. *História da Leitura*. In: BURKE, Peter. *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro, Graal, 1986.
- FREIRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano – 15ª ed. Ver.* – São Paulo: Global, 2004.
- FONTES, Nancy Rita Vieira. *A bela esquecida das letras baianas: a obra de Anna Ribeiro*. (Mestrado em Letras/UFBA). Salvador-Ba, 1995.
- MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia século XIX: Uma Província no império*. 2ª Ed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro.
- NABUCO, Joaquim. *A escravidão*. Prefácio de Manuel Correia de Andrade. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- _____. *Minha formação*. Coleção Obras imortais da literatura, Vol. 42. Editora Três. Rio de Janeiro: 1974.
- PESAVENTO, Sandra Jathay. *História e história cultural*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.
- REIS, Adriana Dantas. *Cora: Lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX*. Salvador; Centro de Estudos baianos da UFBA, 2000.
- STOWE, Harriet. B., *A cabana do Pai Tomaz*. 2ª ed. São Paulo: Editouro, 2001.
- VAIFAS, Ronaldo. CARDOSO, Ciro Flamarion. (Orgs.) *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia da História*. Rio de Janeiro. Campus, 1997.